

RAIMUNDO OSWALD BARROSO

URUBU



SCENIO

URUBU



O URUBU

Abutre de mau agouro
que o fim do mundo anuncia,
tua pele murcha é couro,
ave noturna no dia.
Negro anjo de rapina,
ocultas na tua sina
a marca desta porfia.

Maldita ave cigana,
sem posse, sem moradia,
de sorte vil e tirana,
da morte tu és a cria.
Quatro séc'los de migalha,
esconde a tua mortalha,
ave errante e judia.

Manto espesso de beata,
pesado de penitente,
oihar de fogo que mata
e corta a cara da gente.
Quem terá a ousadia
de tirar uma alegria
deste teu canto silente?

(2)

Teu vôo alto e perdido,
tua descida de rente
sobre o resto apodrecido
de miséria ou excedente,
é martelo agalopado,
é punhal frio afiado,
é desafio e serpente.

Rasguem teu manto de trevas,
sangrem teu peito de rocha,
pra ver a força que levas
de labareda e de tocha,
por sob a tua carne dura,
por sob esta noite escura
que te mata e te arrocha.

E neste sangue encarnado,
mas de textura tão fina,
de tinta rala pintado,
de toar e anllina,
de chama que se consome,
de fogo, febre e de fome
de vela de parafina.

[3]

Desterrado retirante,
mula triste e desgraçada,
deserdado infante,
donde este coice ou patada
que tiras do sangue fraco?
De que profundo buraco
arrancaste esta semente
desta beleza ferina,
deste chão e desta gente,
desta flora nordestina;
belo forte e violento
de faca, seco e sedento,
feito ave de rapina?

Esta certeza de pedra,
que, feito espinho, já medra
e já me fura a retina.

Este clarão que vem negro
do mais profundo degredo
da tua face urubulina.

Canção de Romeiro

Ai, que vida mais sem gosto
que me deu tirana sorte!

Onde se planta a colheita
tem sete palmos de morte

Ai, que garganta mais seca!
Ai, que lamento mais forte!

Pelos caminhos do Horto
do Juazeiro do Norte.

A Besta-Fera anda solta
pastando pelo sertão.

Quem alumiava a noite
era o sol de Lampião.

Nossa Senhora vem triste,
empalhada na redoma.

Meu Padrinho foi embora
de Juazeiro pra Roma.

(5)

Por isso geme o romeiro
e a correnteza chora.

De Juazeiro pra Roma,
meu Padrinho foi embora.

Ai, que o céu é tão bonito,
feito igual ao Caldeirão!

Com seus alfenins de nuvens,
seus capuchos de algodão.

Meu padrinho foi embora,
mas, já do céu vem descendo.

O Juazeiro era um sonho,
que ainda resta nascendo.

Canto de Penitente

Se você me ver deitado
na lage de uma igreja,
não me chame de coltado,
nem peço que me proteja
Veja que eu sou o diabo
em figura de raposa.

Se você me ver na roda
de um foguete tira-teima,
não pense que é só por moda;
é essa paixão que queima.

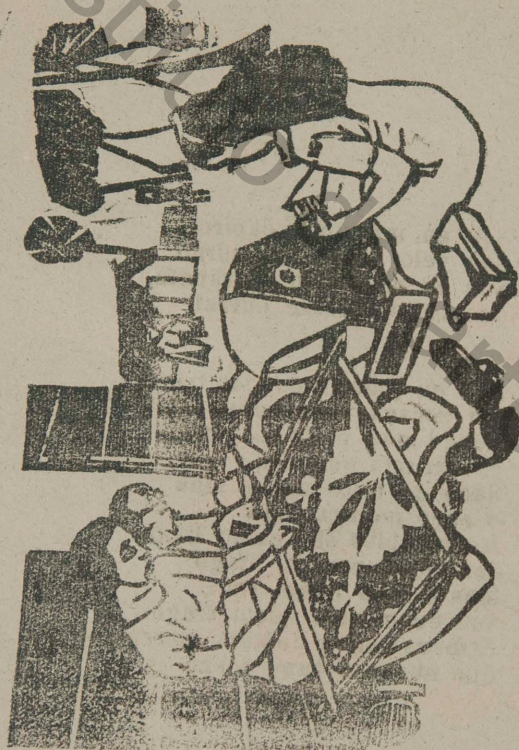
Sou eu quem come calado
a banda pobre da vida.
Sou eu quem leva três almas,
todas três mal divididas.

Sou eu quem come com os olhos
o céu, distante miragem.
Sou eu quem vaga na terra,
vadiando na viagem.
E a morte é uma visagem,
que o mundo plana por baixo.

(7)

Sou eu mesmo o capiroto,
que veio ver o balandrau.
Sou eu mesmo o carrapeta,
que baixou nesse curral.

Sou eu quem faço das tripas
um coração latejante.
Rasgo meu peito na lima
e corripio no chão.
Saco do feltro minha sina
e soco na tua mão.
Meus lábios são como lixas,
sem jeito para o afago.
Mas o fogo dessa rixa,
sou eu mesmo quem trago.
E meus beijos deixam marcas,
que nunca desaparecem.



O Ofício da Renda

Não é da lua tão alva
nem é do alvo tão puro.
Não é do sonho tão frágil,
nem da remota donzela,
o branco do fio estreito,
do risco desse traçado.

E', talvez, da paisagem,
que é branca e que é seca.
É, talvez, das cicatrizes
ou linhas da tua mão,
o tênuo fio que destilas
como leve tatuagem,
nesse ofício de abelha
de colmeia esvaziada.

Tênuo fio como essa água,
que a tua sede segrega.
Tênuo fio como esse sangue,
que o teu corpo carrega.

Nem sabes bem do destino
de adorno que aguarda
essa teia, como aranha,
que tu teces parada.

[10]

Apenas, nas horas mortas,
meditas o tempo longo
da vida, que é estreita
(largura medida a dedo
e comprimento a vara)
por sobre a branda almofada.
Nesse roer incessante,
que é ofício de traça,
que tua mão de inseto adestra
como preciso instrumento.

Em cada troca do bilro
em cada nó do traçado,
fica assim por registrado
a marca dessa aflição,
em tantos quantos meandros
a renda possa conter,
por entre espinhos que ferem
a folha de papelão.

Cavalo de Louça

Dos limites da minha vida
fiz a flor mais encarnada,
feito dor, feito ferida,
que brilha de madrugada.

Quanto mais o desespero,
mais forte vem a paixão
Quanto mais profunda a noite,
mais profundo o coração.

Do barro da noite funda
fiz um cavalo de louça,
pra correr além das cercas
cavalgando a minha fôrça.

Quanto mais o desespero,
mais forte vem a paixão.
Quanto mais profunda a noite,
mais profundo o coração.

FANTASIA

alegria de crepom,
sangue de carmim,
macio e majestade
de seda e cetim.

o cheiro mais forte
de falso jasmim,
as cores mais vivas
no algodãozinho.

por sobre esse corpo
cansado de mim,
eu solto minh'alma
sortida assim

FLOR DE PAPEL

Flor de papel,
um retrato na parede
um perfume de alfazema
uma varanda de rede
e esse tema pra cantar.

Nos retalhos da lembrança
uma flor e uma trança
por um quarto a enfeitar.

Uma flor falsa imitada,
uma cor mal disfarçada
numa mesa pra alegrar:

Flor de papel,
mas que flor mais trabalhada,
toda feita, retalhada
como uma madrugada,
que alguém pudesse criar.

As Alegrias dos Tristes

Todos eles em suas vidas
tristes por condição.
Não porque seja deles
ser tristes, ao contrário;
mas porque falta-lhes tempo
e espaço necessários.
embora disposição
neles se possa encontrar.

E por muito querem,
eles constroem ilusão
ou desejo, melhor vendo,
de que assim fosse, pois não.
E fazem nascer alegria
no meio da condição.
Alegrias que eles fazem
amoldando com a mão.
Que só por serem tão poucas,
tão raras e sem alcance,
podem maior se fazerem
de dentro da condição.

E grandes são na verdade
(pequenas ao mesmo tempo),
mas só por essa vontade,
que elas trazem por dentro.
Como um diamante bruto,
no veio oculto da terra.
Como a semente do fruto,
que a dura crosta soterra.

Conto de Corte

Nas cordas dessa viola
vai bater meu coração.
Vai contar meu canto agora
drama de grande paixão.

Caldo de cana
conta de corte,
de vida e de morte
plantada no ar.

muda moendo mudo
santo silêncio são
cerca cercado surdo
sorte só sujeição
caça coice cansaço
faca foice facão
mundo mulher melaço
filho fila feijão.

Casa caída,
canto contado,
no campo, apertado,
jangada no mar.

Lamento do Camponês Preso

(16)

fome fiando fundo
vale vasto verdão
siva selada soma
bate bar barracão
leva limpando leva
vida vagando vão
vela velando vulto
curta cortando chão

Cova de cana,
cedo na cama;
o corpo derrama
mel, rede, varal.

vida varando vence
morte mão mutirão
berra beirando bucho
bole belo botão
dia desejo doce
feira festa fustão
noite nascendo novo
rasga risco rojão

Cana caiana,
conto de corte,
estrela do norte
no canavial.

Se for um menino,
o nome é Severino
se for uma menina,
o nome é Severina.

Como pode acostumar,
diga aqui pro seu irmão,
um matuto andador, seu moço,
nas grades duma prisão.

Quando penso em minha terra,
baixo os dedos, toco o chão,
só sinto cimento grosso, seu moço,
nas pontas da minha mão.

Tá chovendo lá no céu,
ouço o ronco do trovão.
tava já no tempo certo seu moço,
d'eu plantar meu algodão.

Os meus olhos acostumados
tavam a ver a amplidão.
Ver o sol nascendo solto, seu moço,
pelas léguas do sertão.

Você diz que essa tristeza
num dá jeito em nada não,
mas eu num quero dar jeito, seu moço -
é coisa do coração.

Você é cá da cidade,
ainda pode suportar,
mas matuto que nem eu, seu moço,
não num pode aguentar.

Ah, seu moço,
dá jeito,
dá jeito não.

CONSOLANÇA

Se cortaram o juazeiro
menina,
não chore, não chore não.
So mataram o sabiá,
menina,
não chore, não chore não.
Ainda tem o futebol,
menina,
e você pode sambar.

Até as pedras se encontram,
já ouvi alguém falar,
porque é que um grande amor
tambem não vai se encontrar.

Se secaram muitos rios,
mesmo assim não chore não.
pois as águas desse mar
ninguem nunca seca não.

O tempo conta pra gente,
menina,
não chore, não chore não.
o tempo não vai parar
menina,
não chore, não chore não.
Assoletre com as pedras,
menina,
que elas sabem esperar.

CATAVENTO

C-a-cá, t-atá,
ventó ó ó ó ó, ventó.
Oi, catavento
só tem vento,
só tem tempo
pra catar.
Oi, catavento
só tem água,
só tem mágua
pra puxar.

Catavento,
um espantalho,
de que me valho,
para sonhar.
Sou um gentio,
que não tem água,
que não tem rio,
e não tem mar.

Tenho um pomar
de cajueiro
e um jasmineiro
para aguardar.
Pro meu desejo,
eu só preciso
de um sorriso
pra ver florir.

Da terra seca
desse meu peito
ó, dê um jeito
de arrancar,

um verde fio,
poço profundo,
que eu quero um mundo
para esperar.

C-a cá, t-a tá,
ventó ó ó ó ó ventó,
que geme, geme,
chora, chora,
não tem hora
de parar.

Mas roda, roda,
cata o vento,
traz o tempo
de cantar.

Catavento,
plantado ao léu,
que olha o céu,
só por olhar,
mas é da terra
donde descerra
o de mais doce
que tem pra dar.

Pois eu também
olho esse tempo
de tanto invento
pra se gastar,
mas é da gente,
mais gentezinha,
onde a semente
vou esperar.



SÃO JOÃO

Mariazinha,
de costume maltratada,
enfeitou sua morada,
botou fita no cabelo.
E pintou com tal desvelo
o seu lábio descorado,
que arranjou um namorado,
esquentou-se na fogueira
e espiou pela ladeira
o balão subir pro céu.

E, apesar, da noite negra
que fazia,
e do frio vento lá fora,
na minha rua fez-se dia
e luziu naquela hora
a mais pura alegria.

[23]

E, apesar, de em cada casa,
a pobreza,
do meu povo, o sofrimento,
apagar toda a beleza
bateu forte o sentimento,
que no peito ainda resta
de brincar naquela festa.

E brilhou pela calçada,
junto ao fogo da fogueira,
a esperança derradeira
da minha gente humilhada,
que dançou despreocupada
a sonhar um novo dia,
a brincar com a alegria
de há muito esperada.

No Fundo do Poço

Por trás da cortina
tem traçada sina.
Por baixo do pano, seu mano,
tem carta marcada,
tem sorte selada.
Tem estratagemas
no xis do problema.
Velada intenção,
no nó da questão.

A meio caminho
tem pedra, espinho.
Na curva do rio, meu tio
tem copo de vinho,
tem saco vazio.
Tem cobra e lagarto,
vereda no mato.
Na noite vazia,
tem barra de dia.

[25]

No fundo do poço
no ôco do mundo
no poço profundo, seu moço,
na ponta da rua,
na boca da lua,
tem água guardada
e tão decantada.
No fim da picada
tem um picadeiro,
de verde canteiro,
vermelho de flor,
estrela na testa,
tem pão e tem festa,
canção de amor.

No fundo do poço
e do coração.
No peito do moço
tem pão e canção.

CLARO CAMPO

Teu corpo, cru, descoberto
numa alameda de sol
A carne simples, aberta,
de fruta fresca e sadia.

Teu corpo nu, que desperta
no chão lavado do dia,
esse gosto de entrega,
esse gozo que carrega
como uma seiva contida.

Esse gozo que é medida
da profundez dessa vida
que teu corpo incorpora
da paisagem aprendida.

Teu corpo nu, percorrido,
que se enrosca macio,
num buscar de quem mergulha
nas águas de outro rio.

Campo claro e conhecido,
mais denso e mais espesso,
que a floresta da virgem,
que o mistério do gesso.

Como calmo mar, esconde
algo de não pressentido,
pra quem não deita na onda
pra quem não fica contido,
pra quem não sente o por dentro
do teu corpo assim despido.

Corpo contra Coração

Por que noites palmilharam
teus passos de caminheiro,
se já no rastro não vejo
o teu andar tão ligeiro?

Se, com a manhã chegaste
e não trouxeste a manhã
no teu sorriso, outrora
feito de sol e de aurora?

Onde o fogo a consumir
corpo e alma por inteiro?
—fogueira dentro da noite,
a tua mão de companheiro.

Cadê, irmão, a tua estrela,
que restou no coração
da certeza e da esperança
na tua fala repetida?

Por que não trazes no peito
teu abraço de aconchego?
—ternura de doce amante,
calmo mar, quente sertão,
abrigo, porto sem medo,
sábio conselho de amigo
ou muda compreensão.

Onde, guerreiro, tua lança,
qual facho de claridão,
apontando contra a noite
de horror e perdição?

(30)

Sim, irmão, eu vii da noite,
pela noite caminhei.
Noite de treva e abismo,
essa por onde eu andei.

Vi luzes que resistiam
na noite sem apagar,
que mais fortes se faziam
ao negror da noite má.

Vi outras que se perdiam
na lama da escuridão.
E, outras se debatiam,
corpo contra coração

É, vi a treva de fora
por dentro querendo entrar.
E, vi a luta por dentro
do desejo contra o medo.

Cegos foram os meus olhos,
partidas as minhas mãos,
retalhada tive a alma,
sangrado meu coração
- aguda ferida aberta,
negra e dura provação.

Habitados por fantasmas,
foram meus cinco sentidos
Longo tempo caminhado,
passo a passo percorrido,
por entre medo e vontade,
vereda d' escuridão.

(31)

Tombado em muitos atalhos,
frente chegada ao chão
amaldiçoada fraqueza,
desgraçada perdição.
Vida morte, não de todo
até o mais fundo lodo.
Desesperada solidão...

Treva imensa, fraca luz...

Jogado na escuridão,
só um resto de desejo
no fundo do coração.

Começo-fim, fim- começo...

Porém, aind' agora vejo
que a manhã é tão linda
e mais caro é o desejo.

E depois, meu companheiro:
nos meus olhos, murcha flor,
mas nas terras do meu peito
uma semente restou.

Uma só, magra semente
da vontade que falhou
Mas, assim mesmo semente
da estrela e do amor.

Exposta ao sol e à chuva,
semente do meu desejo,
fogueira do teu irmão,
do amante, ardente beijo.

SEU POETA

Um poeta me ensinou
poesia e poetar,
um poeta que só rosas
quis a Maria ofertar,
um poeta que sabia
Pacatu-b-a-bá

Um poeta me ensinou
a razão do poetar
que poeta que é poeta,
não o é só por rimar
que poeta é pela vida
no fazer e no falar.

Seu poeta, o teu poema
tu guardaste no olhar.
Lua branca escancarada
no cinema a se amostrar,
paz azul, rosa antiga,
primavera voltará.
Seu poeta, essa cantiga
é o que tenho pra pra te dar.

**Este Livro foi composto e impreso
na Literatura de Cordel José
Bernardo da Silva, rua Sta. Lu-
zia, 263—Juazeiro do Norte-Ce.**

1.^a Edição, Jan. 1976

PREÇO DO EXEMPLAR Cr\$ 3.00